

# ILUSTRACÃO CATHOLICA



BRUXELAS

Palacio da Camara Municipal.

Braga, 2 de Junho de 1928

NUMERO 326 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.<sup>da</sup>

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

COLONIAS :

Ano. . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e  
Camionetes

# Rugby

**Os carros preferidos pela sua elegancia e  
modicidade de preços**



**STAND RUGBY**

Avenida da Liberdade, 32



**BRAGA**

## CASA EDITORA CATHOLICA

*Livraria, Papelaria, Artigos Religiosos*

**Armenio Sotto Mayor**

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) **BRAGA**

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.  
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.  
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinas, castiçais, velas automaticas, vélas de cêra, etc.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

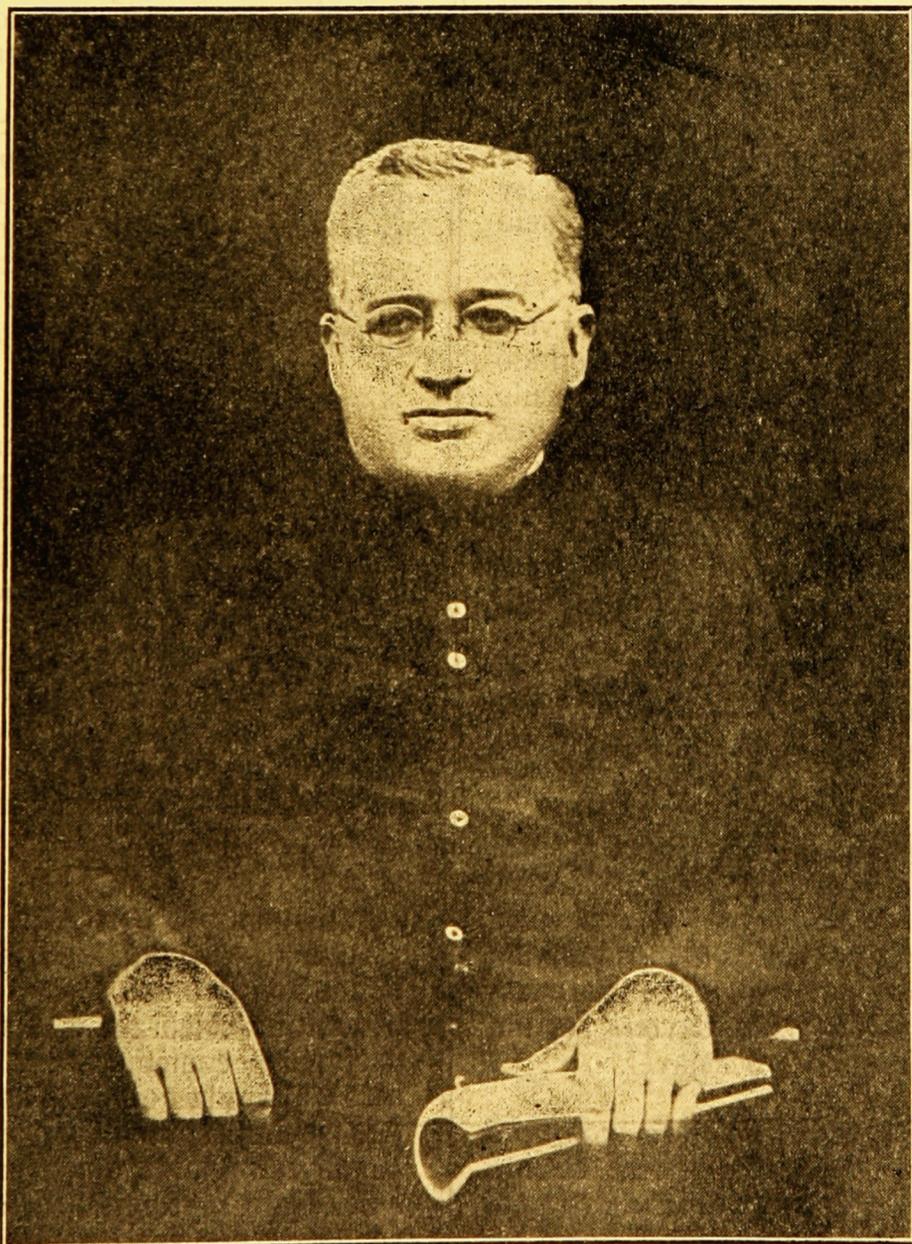
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 2 de Junho de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VII — N.º 326



D. Joaquim Rodrigues Lima, Arcebispo eleito de Bombaim. Nasceu em Anha, (Viana do Castelo), a 18 de Maio de 1875. Entrou na Companhia de Jesus a 14 de Agosto de 1899, já sacerdote, e embarcou para a India em Março de 1921, onde tem sido Superior dos Jesuitas Portuguezes que trabalham nas dioceses de Goa e Cochim.

A quadra que vamos atravessando é uma época de fervoroso nacionalismo. Talvez fruto de applicações justas de principios constructivos, — talvez simplesmente uma reacção contra os exageros do internacionalismo. Porque no mundo é difficil manter o o meio termo salutar. As paixões apoderam-se dos principios e acabam por vence-los. Uma ideia justa, a pouco e pouco cae em exageros e os mais lidimos e plausiveis affectos tornam-se por vezes sectarismo. Ora quando a humanidade reage contra sectarismos começa por assentar bases solidas, em principios indestructiveis. E como defende a verdade, justa e apetecivel, os povos apaixonam-se por ela e daí o começar a ver-se a verdade sob um prisma de magnificencia que condús em breve ao exagero e a um novo facciosismo que pretende combater aquelle primeiro. E' um circulo vicioso que se estabelece e ao qual só pode remediar uma isenção comprovada, que mantenha os espiritos no bom e justo meio termo.

Todo este capítulo de filosofia social vem a proposito de tudo, e de nada. Reagindo contra exageros contemporaneos, o seculo passado, que teve inegavelmente nobres ideais e progredimentos notaveis, criou digamos assim, o internacionalismo. O principio era bom, era justo, era santo. E contra o autctonismo absoluto de certos adversarios, a Igreja afirma dogmaticamente a unicidade da especie humana. Filhos todos de uma estirpe, não ha motivo para que as diferenças meramente circunstanciais de sub divisões ao infinito, tornem eternamente adversarios povos e nações.

O internacionalismo é, assim, a propria doutrina da Igreja no seu aspecto social, tão intimamente característico. A paz entre todos os homens, e todos os homens unidos pelo mesmo amor, parece que, sendo a essencia do Internacionalismo, deveria ser um ideal digno de respeito e desejavel.

E todavia tão belo ideal, caiu nos seus exageros. O Internacionalismo fez-se veiculo do mal, fez-se destructivo e destructivo pela força da bomba explosiva.

Reagiu-se. Dos exageros internacionalistas surgiu no refluxo permanente das

ideias, o novo nacionalismo. Já começa a ter seus exageros, e a prova disso é Italia cujo sistema absorventissimo de estatificação mereceu ainda ha pouco a analyse e a reprovação dos sabios jesuitas da *Razon y Fé*. E não seria difficil encontrar repetidos exemplos do mesmo exagerado nacionalismo.

A sabedoria consiste em manter o justo meio termo. Nem o truculento internacionalismo dos ultimos revolucionarios, nem um tal nacionalismo que intente o seu predomínio à custa de injustiças.

Nós, em Portugal, (volvamos agora os olhos para a nossa patria) nós em Portugal temos um renascimento do amor nacional bem visivel. O Nacionalismo manda. E a nós não é difficil manter o justo meio termo em que consiste a virtude. Só na hegemonia do nosso pensamento, na posse pacífica do nosso territorio, no culto das nossas glorias, ha motivos que baste para alimentar um verdadeiro e cristão espirito nacional, sem a pretensão do exageros, de reprovaveis orgulhos e ambições,

Cantemos, pois, e amimemos esse Nacionalismo modelar; nacionalismo de paz, que não ofende os outros povos.

A distancia de dois dias, Braga e Lisboa escreveram duas lindas paginas da nossa cronica. Braga no Ateneu Comercial ouviu D. Fernanda de Castro discretear elegantemente do *verdadeiro nacionalismo*, o nacionalismo das crianças, das familias. «O Menino, o berço e o lar», assunto digno dos castos labios maternais que o proferiram.

Lisboa viu, por outro prisma, exaltar o sentimento nacional. Principes das letras foram aos Jeronimos, e ali, sob arcadas de pedra que celebram o fastigio das glorias nacionais, comemoraram a impressão de uma apurada edição dos *Lusiadas* que Afonso Lopes Vieira vai amanhã ofertar ao Brasil entregando um exemplar ao sr. Presidente dessa Republica, cujo nacionalismo se ha de necessariamente confundir com o nosso proprio nacionalismo. O livro heroico da Patria, escriptorio da lingua, é o penhor mais preclaro do espirito nacional.



Morreu Lucinda Simões.

Vi-a, a primeira vez, há muitos anos, muitos, no velho teatro de Braga, na Thèrèse Raquin.

Era eu então um pequenote ousado, já atacado da brotoeja das letras, e que, com meu santo pai, frequentava o velho templo de S. Geraldo, prazo dado, de todas as elegancias citadins. Estou a ver a sala, as figuras — tantos mortos! tanta beleza murcha! — ali das nossas cadeiras, ao lado das bancadas da musica onde o grande Vicente Novais, de cabeleira romantica e de luvas brancas de dandy, tamborilava gaiatamente nos timbales, com forte zanga do velho Esmeriz, e quasi debaixo do camarote da auctoridade onde pontificava a calva luzidia do velho e simpatico Peixotinho da Administração, a rosa-chá do snr. Magalhães dos oculos.

Nessa epoca, Lucinda Simões estava na plenitude da sua vida de mulher e de artista; voltava do Brazil e guiava os primeiros passos da azougada Lucilia, um feixe de nervos, miuda, insinuante, balbuciando genio. Depois, anos dobrados, encontrei-a em Lisboa, no Gymnasio, numa campanha de arte, num empenho de belesa, que lhe custou uma fortuna: a ensenação do Cyrano de Bergerac, na inspirada adaptação de Julio Dantas e do meu querido Manuel Penteado, e que marcou arte e bom gosto nos desluzidos anais dos tablados alfacinhas.

A grande actriz começava a envelhecer; engrossava e apenas os olhos, aqueles lindos olhos que fulguravam chamas de veludo, que scintilavam genio, eram ainda os mesmos belos, soberbos olhos, que tinham fascinado a minha adolescencia, na noite, já longinqua, da obra de Zola, que foi uma das suas mais extraordinarias criações.

Convivemos muito; admirei de perto o seu enorme talento, apreciei a mordaz scintilancia do seu espirito, que a converteu na mais brilhante narradora do tempo; vi-a fulgurar, espalhar genio nas suas melhores criações, desde a Mancha que limpia até à Conspiradora de Mendonça Alves e nunca, nunca, hei-de esquecer, aquela extranha Cristina da Casa de Boneca, figura amarrotada pela desgraça, farrapo tragico onde

reverbera um lampejo de bondade, pequeno episodio humano que ela converteu numa adoravel obra prima.

Foi a unica actriz portuguesa a quem o estrangeiro abriu as portadas da gloria; foi das poucas que brilhou no meio duma extraordinaria pleiade de artistas nacionais, que foram autenticas glorias do teatro português.

Depois a velhice, desgostos sem conta — eu sei lá o que essa grande alma, que tanto fez chorar, por si e para si chorou e sofreu! — foi subindo ainda, os degraus da glória, noutros géneros, noutros papeis — a idade é uma cruel inimiga! esbanjando talento, desperdiçando genio, na mesma trajectory do triumpho.

Dedicou-se ao ensino, e ela, que no teatro, sempre mantivera uma cathedra, foi reger uma cadeira no Conservatório, mas entremeando as suas lições com a direcção de algumas companhias, representando sempre, em plena mocidade de arte, a sua voz sacudida, vibrante, no mesmo tom juvenil, até ao momento em que voluntariamente se retirou.

Um dia, — hora fatal! — a doença bateu à pórta e a grande mestra do drama e da comedia lançou-se na tragedia, mas na dolorosa tragédia da sua vida, no frio tablado do seu quarto, sofrendo, sofrendo, numa cruel agonia de anos.

Voltei a vê-la, nesta casa, numa linda tarde primaveril que ela encheu com o seu espirito, a sua memoria prodigiosa, a sua graça mordaz, ferina, chocarrice de rapière, laracha contundente, que guardou até ao fim. E nunca mais a vi!

Mas alquebrada, velha, Lucinda, com a fulgurancia do seu genio e a meiguice ardente daqueles lindos olhos, ficou para mim a mesma de sempre na eterna beleza da arte, na imorredoiria glória do seu genio de criadora de beleza e de sentimento, porque eram os mesmos aqueles lindos olhos que há dias se fecharam, correram as palpebras como se fossem o grande e sumptuoso pano de veludo descendo, pela ultima vez, sobre o ultimo tablado onde o seu genio, até à ultima, fulgurou num clarão de belesa.

José de FARIA MACHADO.

# MANE NOVISCUM...

S. Lucas, XXIV, 29

Senhor, fiquei comnosco! A noite desce,  
e é-nos tão grata a Vossa companhia!  
Não nos deixeis, agora, que anoitece.  
Ficai comnosco até romper o dia!

Lá fora é noite e grande o redemoinho;  
Ah, como é bom convosco estar aqui,  
neste amarelo, confortável ninho,  
à luz de ouro do ceu, que nos sorri.

Senhor, ficai! E como ireis embora,  
se nos gela de frio o coração?  
Ficai comnosco até romper a aurora,  
pra não temermos tanto a escuridão.

Ficai comnosco até romper a aurora,  
— a Aurora eterna — luz, amor sem fim!  
Convosco, mesmo quando a alma chora,  
a acariciam asas de setim.

E a noite espera... Oh! noite má da vida!  
em trevas, lutas, ao redor de nós!...  
Mas depois, em nossa alma combatida,  
sendo comnosco, se ergue a Vossa voz.

Ficai comnosco, que, sem Vossa luz,  
é triste a alma e triste o nosso lar!  
Senhor! Senhor! Aos pobres de Emaús  
lhes deste a graça que os deixou voltar,

Na mesma hora, pela noite escura,  
— na alma o ceu!... — para Jerusalém.  
Senhor: A vida é rua de amargura.  
— Ai, Vós quizesteis conhecê-la bem!... —

E quanta vez, suores de agonia,  
— nossa fraqueza — envolvem nossa dor...  
Ficai comnosco até romper o dia  
eternamente azul do Vosso Amor!

Gandra,  
Casa do Retiro — 1928

M. C.

## VI

### Exposição de Fotografias Joaquim Teixeira

No Salão Silva Porto — Porto

—=—

Dizem alguns, que na fotografia não ha Arte; — que a fotografia é uma arte!... Eu não entendo assim. Na fotografia ha Arte, para aqueles que desejam ser verdadeiros artistas, saindo da vulgaridade comercial, de se limitarem a pôr em pose os fotografados e destapar a objetiva em seguida. Para estes, claro está, que a arte é de via reduzida, sem outra mira mais, do que cobrar ao final uns escudos, pelo seu trabalho.

Para aqueles porem que tem dentro de si qualquer sentelha de amor pelas Belas Artes, para esses, a fotografia é uma coisa mais alevantada e mais nobre.

Eu conheço muitos amadores e amadoras que são verdadeiros artistas, n'este genero de trabalhos, e que por isso nos dão provas fotograficas, que são verdadeiras maravilhas.

Hoje porem, não se trata de amadores, mas sim de um fotografo profissional que se nos revela um retratista excepcional, o sr. Joaquim Teixeira.

Com os seus retratos, agora expostos no Salão Silva Porto, veio mostrar a quem os não conhecia, que em Portugal, e no Porto, ha um atelier, onde poderemos ir obter um *Rembrand individual*, isto é, da nossa propria figura, que será não só o nosso retrato mas um verdadeiro quadro de mão de mestre.

Para mim, não foi uma revelação, pois de ha muito conhecia eu, alguns d'estes trabalhos. Mas para o grande publico foi inegavelmente uma revelação.

Bom será, que os que amam as boas iniciativas, atentem com interesse n'esta manifestação de bom gosto e arte.

Porto, 25 de Abril de 1928.

## VII

### Exposição de Arte Decorativa de D. Madalena Luizelo e suas discipulas

No Salão Silva Porto — Porto

—=—

N'um Salãosinho, adjunto ao Salão grande de exposições, aconchegador e amigo, a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Madalena Luizelo, e mais as suas discipulas expõem um adoravel conjunto de artigos de Arte Decorativa, para conforto e encanto das nossas casas.

Não tendo a novidade da exposição de bordados regeonalistas, da exposição realisada ha tempo no Salão Cypriano Silva, e a que nos referimos aqui, tem no entretanto a preenche essa falta de regeonalismo, o bem acabado dos trabalhos, e a variedade dos assuntos e dos objetos expostos.

Desde o pepueno pano bordado para boblots, até ás amplas almofadas acarinhadoras e fofas, de tudo ali ha.

Candieiros de alto pé com abat-jours graciosamente bordados e pintados, mezinhas lacadas em cores vivas e garridas, cobre bules graciosos, trabalhados como mitras de bispos japonezes, para fogos em madeiras ricas e caras ricamente ornamentados com applicações de metais varios, rigorosa e proficientemente trabalhados a enquadra setins bordados e pintados, de tudo ali se encontra, gracil e delicadamente distribuido, consolando a vista, e fazendo-nos antegosar o prazer espiritual e fisico

de um bom gabinete com os seus mapas e todo o conforto que com esses pequeninos nadas, as boas donas de casa sabem confeccionar.

A Exposição, não é, como alguns poderão imaginar uma exposição vulgar de meninas de colegio. Não. É a exposição artistica e fina de verdadeiras artistas do bom menage.

N'esta fugidia nota fica expresso a minha admiração pela professora e pelos trabalhos das discipulas.

Porto, 7 de Maio de 1928.

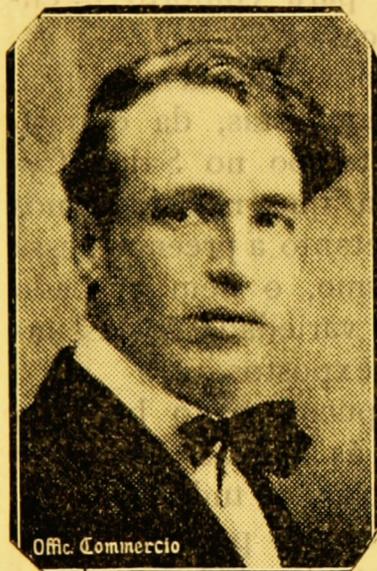
### VIII

## Exposição de Quadros

Antonio Moutinho

No Salão Silva Porto — Porto

Confirma-se bem o que eu disse na minha ultima nota sobre Exposição de Arte. Mal fechada a exposição Joaquim Lopes; logo outra se abre no mesmo



ANTONIO MOUTINHO

Salão, desta vez d'um novo cheio de modestia e de boa vontade de trabalhar. Antonio Moutinho era moço que eu não conhecia, nem de nome, pois nunca ouvira falar d'ele e que se nos apresenta com quarenta e sete trabalhos, onde ha figura, paisagem, etc.

Não tem ainda a mão assente e a technica defenida dos pintores que vão desempenadamente pincelando as suas telas com vigor e precisão, mas, não está, no entre tanto titubiante e indeciso. Não. Pinta sobreamente com amor, emoção e correção.

Ha — de marcar um dia, tenho a certeza d'isso, e, ha — de marcar por-

que dentro do seu ar modesto e da modestia do seu trabalho, ha honradez de execução, boa vontade em executar bem, e estudo.

Nas suas quarenta e sete telas ha trabalhos que pela sua fatura e pelo seu colorido se devem notar.

O primeiro quadro; primeiro em execução e dimensões — Campo de manobras (Serra do Pilar) — é um bom trabalho consciencioso e correto de prome-



MODELO RISONHO  
(Antonio Moutinho)

nores é de valores artisticos. A Casa do Zé do Achado — a Entrada para casa do tio França, — o casa do João Burro (Taboadêlo de Fontes) teem optima luz e gargalham em cor como moçoilas robicundas que cantam em pleno campo a luz adoravel e brilhante do bello sol.

Nas marinhas, onde ha mar espumante é que o artista não é tão feliz. As vagas são pesadas e a espuma não têm a levesa natural e fluidade que costuma ter a verdadeira espuma do mar.

No entretanto as suas aguas são transparentes e fluidas.

As figurinhas que ele retratou teem vida e movimento; são traçadas com amor e com carinho, uma d'ela é sobre

maneira e graciosa, com o seu olhar azougado e garoto e a sua carinha fresca a que apetece fazer uma festa.

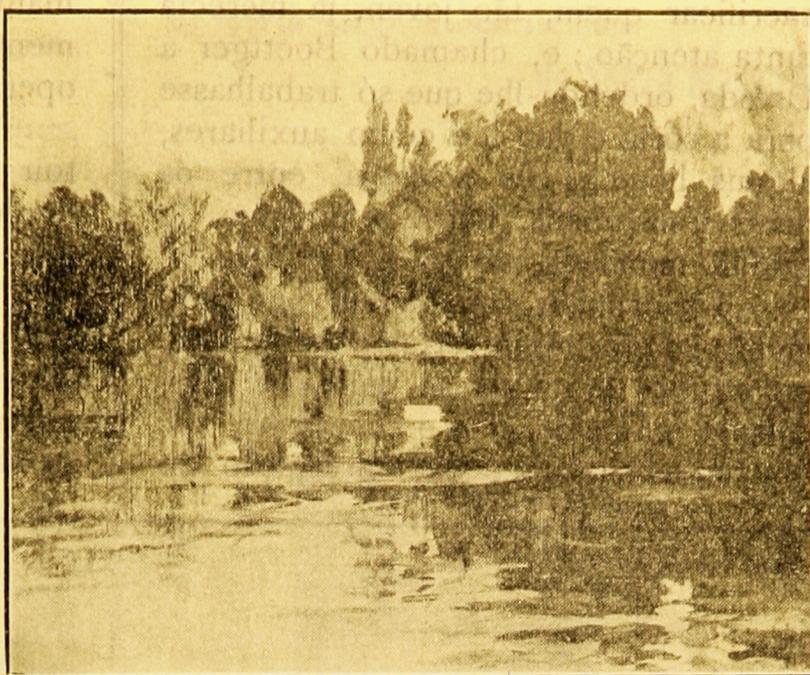
Mais não digo, porque dizer mais era bufar a importancia de um artista novo promettedor e estudioso.

Trabalhe pois com afino, não se deite á sombra nos loiros que lhe teceram os jornaes e acredite que ainda ha-de vir a merecer as hussanas gloriosas da critica sincera.

Porto, 14 de Maio de 1928.

ANTONIO DE LEMOS (ALVARO.)

MARGENS DO TAMEGA — (Antonio Moutinho)



---

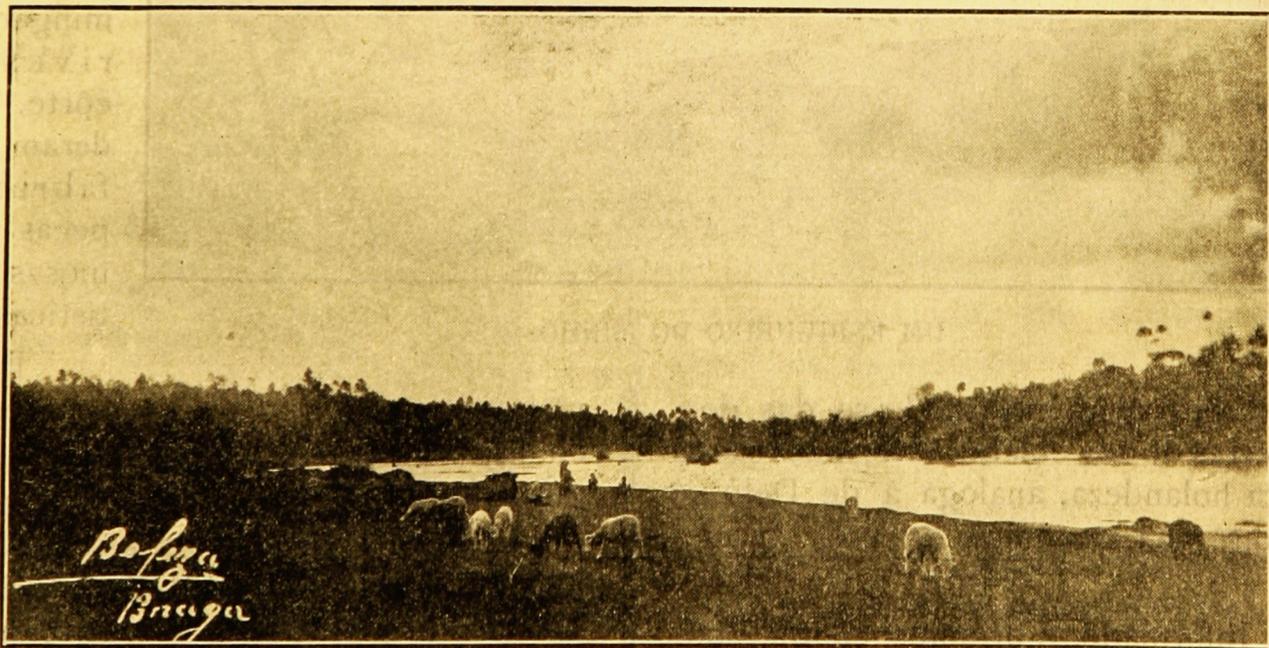
---

**A Porcelana de Saxe**

João Frederico Boettger, que nasceu em Schleiz no ano de 1682, desde muito joven se interessou pelos trabalhos de alquimistas de Berlim, e foi

suspeitos. Os aparelhos misteriosos de que se serviam, suscitavam a desconfiança.

Em 1701, Boeteger, que atraíra a antipatia dos seus conterraneos, por se achar em correspondencia com os



MARGENS DO CÁVADO

amigo de Junkel, que renovou a industria do vidro, e do grego Lascaris, e o qual lhe confiou um pó que tinha a virtude de transformar o chumbo em oiro fino.

Os mestres da Grande Arte eram

alquimistas, deixou a cidade natal e partiu para Wittemberge, afim de estudar medicina.

Mas a Prussia reclamou com tanta insistencia a extradição do «impostor» que Augusto, eleitor de Saxe, não quiz

sacrificar quem, tão joven, já merecia tanta atenção; e, chamado Boettger a Dresda, ordenou-lhe que só trabalhasse para a côrte e deu-lhe como auxiliares, alguns homens de sciencia, entre os quais Tshirnhaus, fisico e quimico de grande nomeada, amigo de Leibnitz.

Tschirnhaus, que havia anteriormente empreendido certas experiencias, no intuito de imitar as delicadas porcelanas chinezas, sem o conseguir, submeteu as suas ideias à apreciação de

manufatura real, para cujo desenvolvimento pediu a cooperação de artistas e operarios.

Ao começo, a fabricação apresentou dificuldades. Boettger, com o auxilio de Eggebrecht e de Fischer, conseguia muito menos que anunciára.

Contudo, dentro de pouco tempo, graças às encomendas numerosas, as oficinas tornaram-se insuficientes; e foram ainda no ano de 1710, transferidas para Meissen, perto de Dresda, onde hoje se acham.

Aí, a nova industria rapidamente prosperou. Ela só tinha fornecido até então pequenos objectos de aspecto simples; mas, graças à colaboração de Irminger, ourives da côrte, puderam ser fabricadas peças volumosas e artisticas.

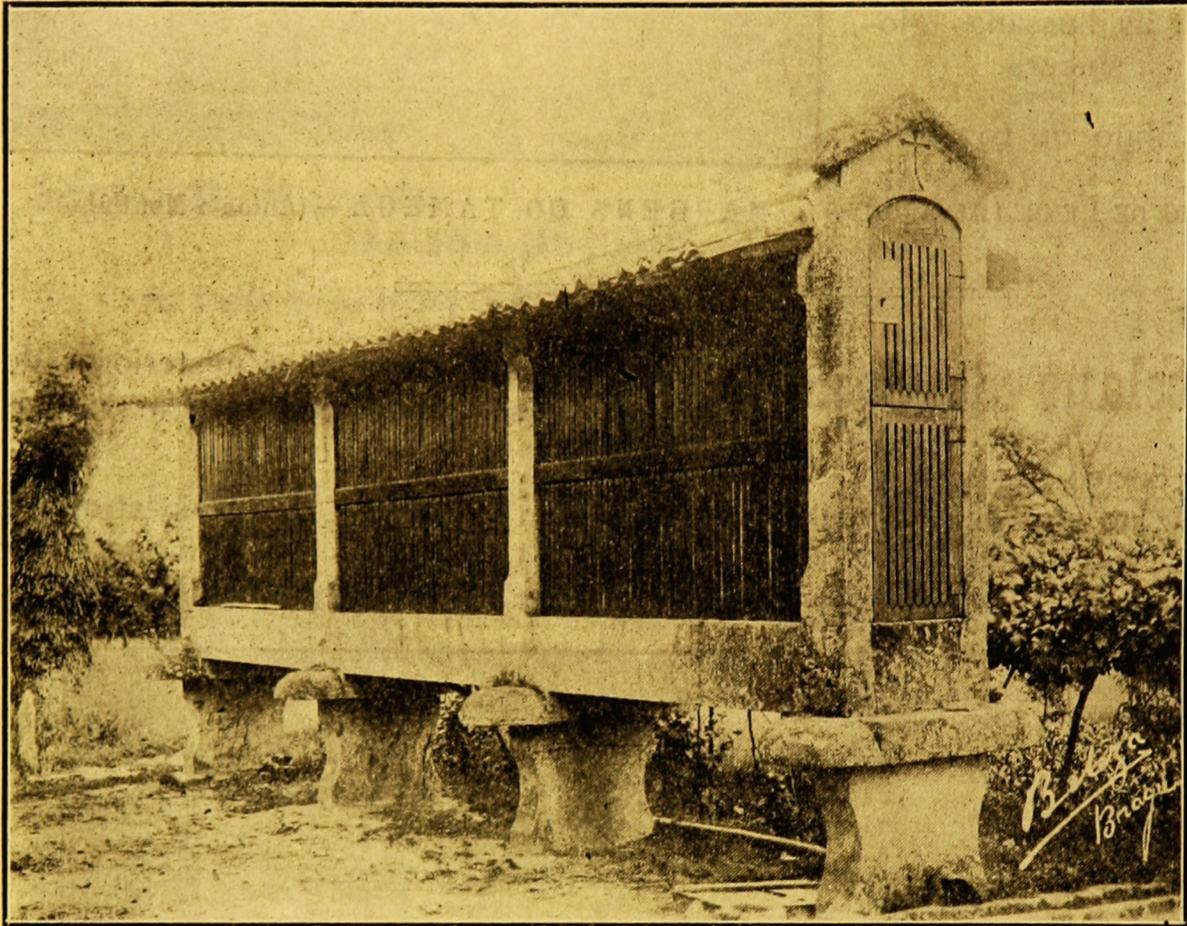
Pri-

meiramente, só se emitava a porcelana chinesa; mas, logo depois, prevalecia o gosto francez.

A Boettger, que deixára o estabelecimento em boas condições, sucedeu Hoeroldt, que tomou a direcção das oficinas em 1720. Pintor habil, soube aplicar à porcelana, sem lhe alterar o brilho, o azul, o vermelho e outras côres, que ainda não eram empregadas.

Sob a sua administração, a fabrica desenvolveu-se extraordinariamente.

Koendler, admitido como modelador em 1731, teve uma influencia be-



UM ESPIGUEIRO DO MINHO

Boettge, o qual, utilizando-se das descobertas do seu colaborador, obteve uma louça holandeza, analoga à de Delft, e depois uma ceramica de grés vermelho.

Informado, o principe eleitor concedeu a Boettger a autorisação de estabelecer varias oficinas; e no principio do ano de 1709, o seu protegido declarava ter achado o processo de fazer boa porcelana branca, superior à das Indias orientais.

Satisfeito Augusto, denominado o Forte, decretou em 1710, a fundação da

nefica no dominio plastico. Inventou fôrmas numerosas, criou admiraveis modelos de pratos e de chicaras.

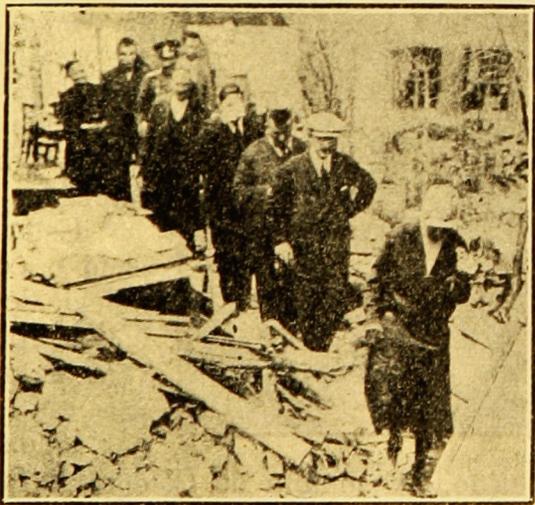
Sobreveio a guerra dos Sete Anos, que gravemente comprometeu a próspera industria. Foi nomeado Director Dietrich, pintor academico, cujos metodos eram inteiramente opostos à arte decorativa. E as porcelanas de Saxe perderam na epoca da sua administração, a primitiva originalidade.

Fletscher que, em 1770, lhe succedeu, não conseguiu dar vida à industria.

Sob a gerencia de Marcolini (1774 a 1814), predominou o estilo grego, aliado ao etrusco, o que mediocrementemente agradava; e só a imitação dos *biscuits* de Sèvres e das finas porcelanas de Wedgwood entretinha em Meissen alguma vitalidade.

Em França, como na Alemanha, as artes deccrativas entravam num periodo de decadencia.

Actualmente, após trinta anos de esforços no sentido de lutar contra a vulgaridade dos seus productos, a manufactura de Saxe começa a readquirir a sua originalidade. A porcelana que tem por marca duas espadas cruzadas, participa, como as artes do metal, da evolução da arte moderna.

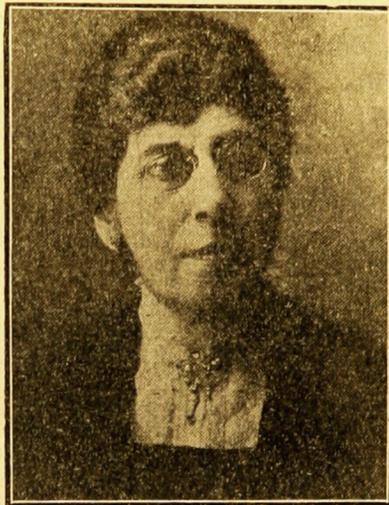


BULGARIA — O rei Boris e a princesa Eudoxia nas ruínas de Chirpais depois dos terremotos.

Ela criará, certamente, obras primas, quando a arte, libertada das peias que ainda a retêm, de novo se tornar o que deve ser: a expressão da vida contemporanea.

## D. Maria Virginia San Romão de Souza Machado

Senhora de elevadas virtudes, possuidora de um culto e brilhante espírito e de um nobilissimo e piedoso coração, deixou em todos os que a conheciam uma profunda e imperecível saudade.



D. VIRGINIA SAN ROMÃO

Era esposa do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Machado, estimado escriptor, crudito investigador do Passado e cavalheiro que gosa entre nós de gerais simpatias e alta consideração.

Esta bracaraense illustre realisou, durante toda a sua vida, as mais santas virtudes, observando sempre, modestamente, sem ruido, sem ostentação, os preceitos da religião cristã. A paz, o bem-estar e a alegria dos outros, foram a sua preocupação constante, pela qual tantas vezes se sacrificava.

Era um espelho de virtudes domesticas, amando acrisoladamente a sua familia.

Por isso deixou na terra um suave rasto de flôres, marcando o caminho que nela trilhou animosamente, e que certamente a conduziu ao seio eterno de Deus!

# P. CARLOS JOÃO RADMÁKER

: : : DA COMPANHIA DE JESUS : : :

VOU vêr se consigo dar aos leitores uma ideia aproximada da grande figura do P. Rademáker e da sua obra verdadeiramente grande e heroica, em Portugal e lá fóra.

Nasceu no dia primeiro de Junho de 1828 em Lisboa. Seu pai, José Basilio Rademáker, de sangue holandês, foi nomeado em 1829, ministro plenipotenciário de D. Miguel junto da côrte de Turim, e Carlos partiu para a Itália com toda a família.

Estudou primeiro na casa paterna, depois em dois colégios de jesuítas em Génova e Turim e tomou o grau de licenciado em direito canónico e civil pela universidade taurinense.

Em 1846 entra no noviciado da Companhia em Chié-ri, perto de Turim. Em 1848 (Março) a revolução triunfante dissolve o noviciado, e Carlos, sem fazer os votos, refugia-se em Lisboa com toda a família. Aqui estuda teologia, ordena-se em 1851, e, sim-

ples noviço, converte-se num verdadeiro apóstolo.

Funda a *Legião Sacra*, uma especie de Congregação Mariana, com os melhores alunos de varios colégios de Lisboa, conseguindo ter assim a direcção espiritual dos mesmos colégios.

Em 1853 toma êle o governo de um colégio de meninas pobres, chamado *Instituto de Caridade*, fundado pelo P. José M. Ilsley, vice-reitor do Seminário Inglês em Lisboa.

Rademáker redobra de actividade; prêga e confessa dentro e fóra da Capital; êle é director, professor e confessor do seu colégio; e como, apesar de perseguido pela imprensa do seu tempo, vê crescer o número dos seus orfãosinhos, busca-lhes mais amplo alojamento.

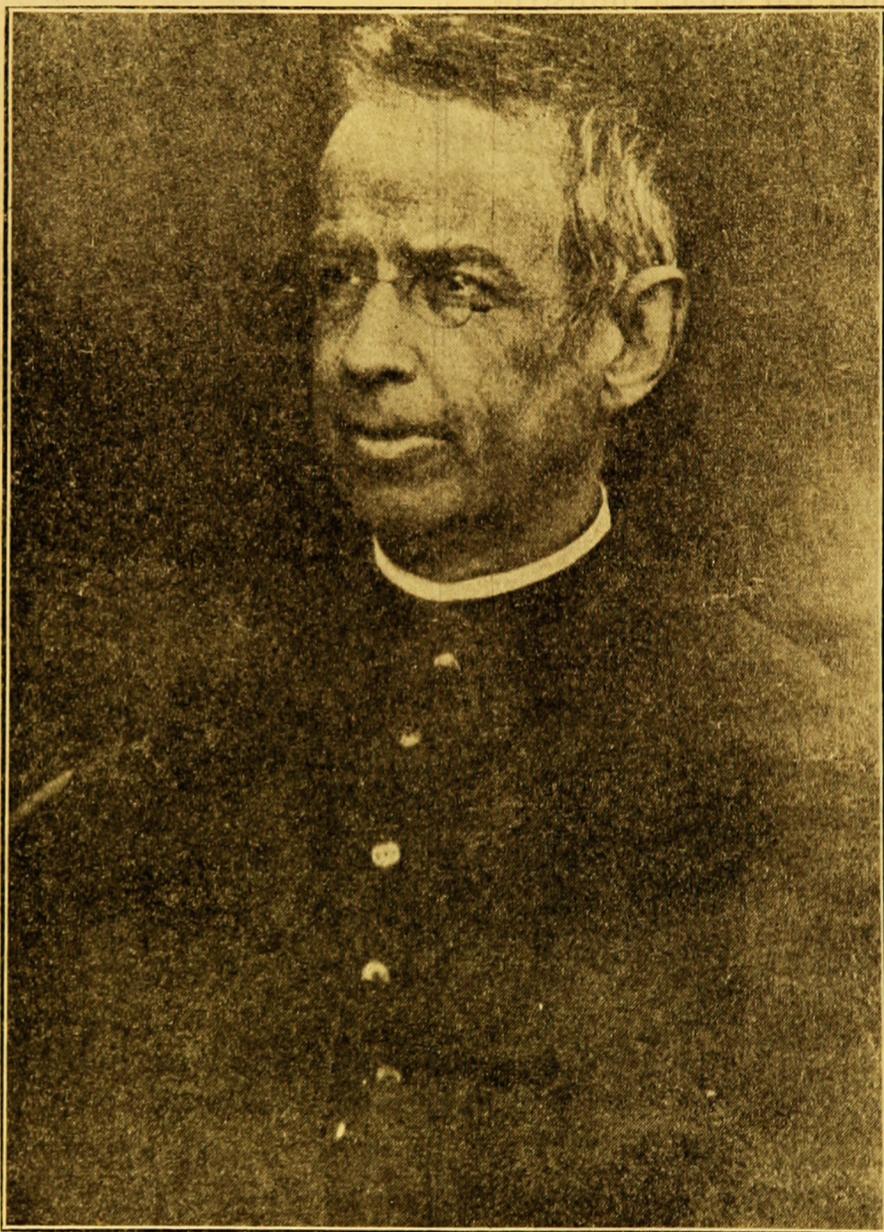
Com a legítima que recebera por morte de seu pai, falecido em 1856, anima-se a comprar novo edificio. Mas antes disso vai à Santa Casa de Loiola, em Espanha, e ali faz os seus primeiros votos, em 1857, depois de 11 anos de noviço.

Volta a Portugal, compra a João de Lemos a quinta da Torre em Campolide, transfere para lá o seu Instituto de Caridade e toma posse da nova casa em 21 de Junho de 1858, com uma festa solene a S. Luís Gonzaga.

Estava fundado o célebre Colégio de Campolide, que só veio a naufragar em 1910, nas ondas da

revolução. A' sombra do Colégio de Campolide restaurara o P. Rademáker a Companhia de Jesus.

Em Setembro estavam já três religiosos, Rademáker e dois Irmãos Coadjutores, e foram aumentando continuamente. Em 1860, transfere para o Barro os orfãos de Campolide, deixando em Lisboa só as pensionistas. A' sombra do Colégio do Barro, abre nesse mesmo ano o Noviciado, com oito valentes e esperançosos noviços.

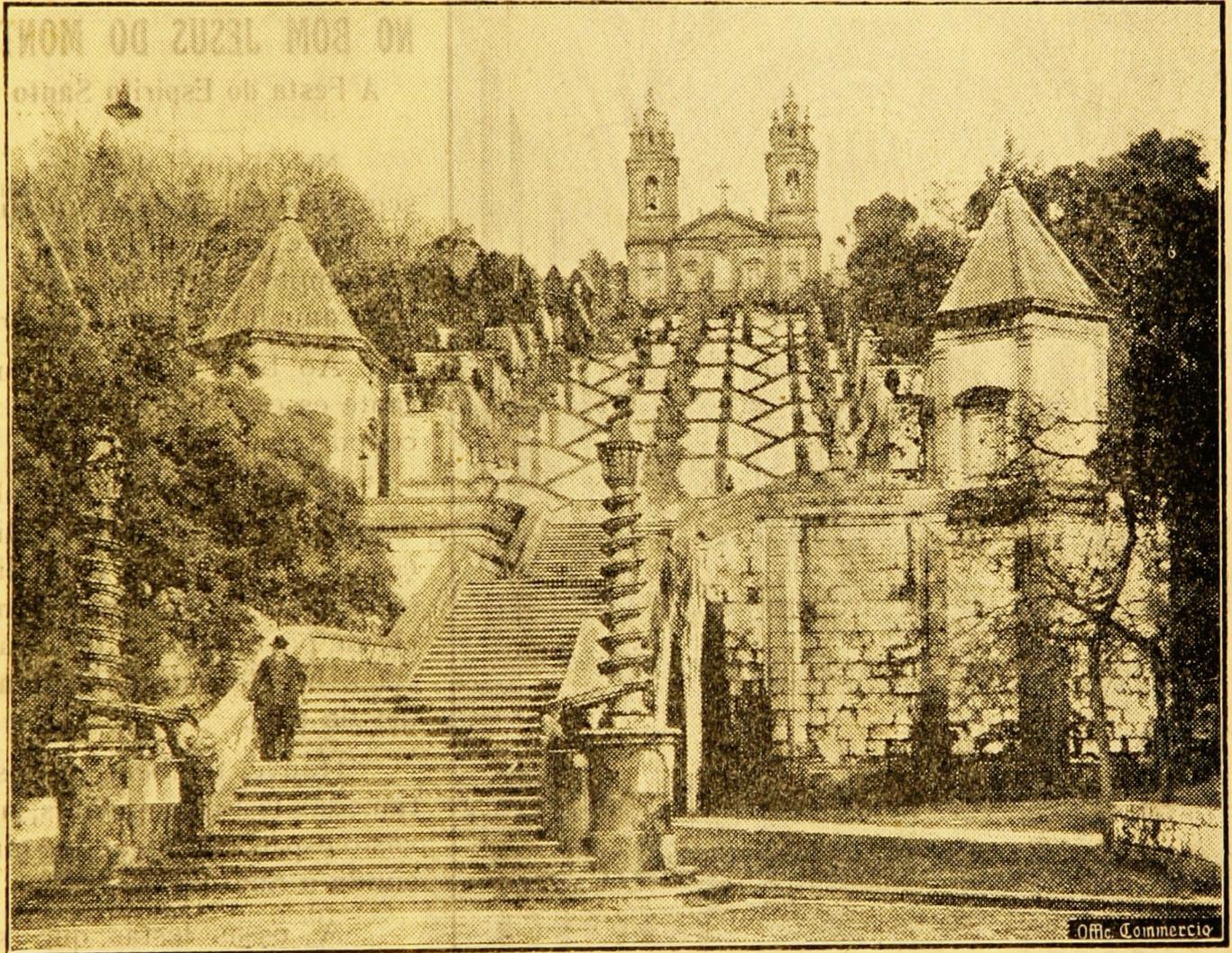


Em 1861, a instâncias do Ministro da Marinha e das Colónias, aceita Rademáker a direcção do Seminário de Sernache que não passava do embrião. Prosperam estas casas a olhos vistos, e o govêrno insta com Rademáker lhe dê Padres para o seminário de Macau então pobríssimo de bons elementos.

De facto no princípio de Janeiro, partem para Macau três jesuítas, entre êles o P. Rôndina e o P. Matos, mais tarde Director do *Novo Mensageiro*.

colas e asilos de crianças em Lisboa, Porto, Ourém e noutras terras.

Trabalhando heróicamente no Porto em 1872, viu-se perseguido com armas verdadeiramente diabólicas pela maçonaria, e então julgou prudente ausentar-se para Espanha. Em Ordunha (Vizcaia) trabalhou dois anos como professor e director espiritual do colégio. Em 1874 passou a Roma, onde foi professor do colegio Pio-Latino durante dois anos, exercendo ao mesmo tempo todos os minis-



BRAGA — BOM JESUS DO MONTE — Um dos mais belos aspectos do grande Santuário.

(Fot. Chic de Alberto Marques).

No fim de 1862, Rademáker, simples *escolástico aprovado* da Companhia, deixa o govêrno das casas que dirigia, vai a León de Espanha concluir os estudos; faz o exame final, dá ainda três missões no norte de Espanha, e em Outubro de 1863 parte para Roma; ali faz a *terceira provação*, e concluiu a sua formação religiosa.

Em Abril de 1864, depois de uma audiência de Pio IX, volta a Lisboa.

Durante oito anos percorre Portugal em todas as direcções; dá inúmeras missões, Exercícios e tríduos; funda a associação das Filhas de Maria em Lisboa, Porto e noutras partes; promove a fundação do *Abrigo* hoje casa da Regeneração em Braga, e várias es-

terios sacerdotais dentro e fora da cidade, e dando até algumas missões. Em 1876 passou de novo à Espanha e foi estabelecer-se em Puerro de S. Maria.

Durante dois anos deu nas provincias mais proximas, várias missões e trabalhou incansavelmente. Em 1878 passou à Galiza, atravessando Portugal de corrida, em 24 horas, e foi alojar-se em Vigo.

Daqui evangelizou as provincias mais vizinhas; mas no fim do mesmo ano esteve à morte; e restabelecido foi descansar ao Colégio de La Guardia.

Daqui saía em contínuas correrias apostólicas pela Galiza. Em 1880 voltou a Vigo e continuou a trabalhar sem descanso nas missões.

No fim de 1880 passou para a Andaluzia e estabeleceu-se em Granada, sendo um dos fundadores dessa Residência.

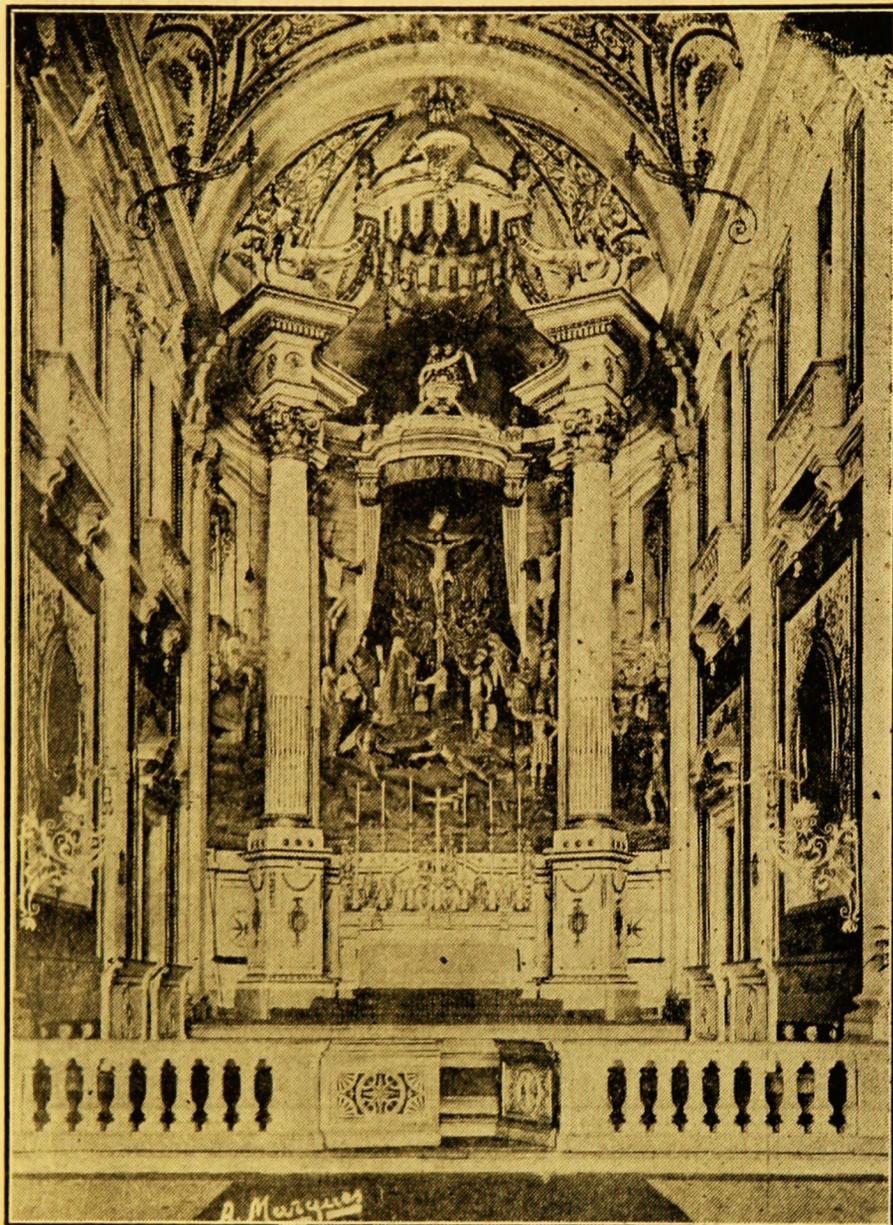
Percorreu todas as provincias circunjacentes em excursões evangélicas, e os bispos disputavam-no para as suas dioceses.

Até foi dar uma missão na Igreja de S. Izidro em Madrid na quaresma de 1882. Uma das suas excursões apostólicas chegou a durar seis meses contínuos.

morreu cheio de méritos no seu colégio de Campolide, rodeado de seus irmãos religiosos, e chorado por seus amigos e por todos os bons.

Assim viveu e morreu o grande P. Carlos Radmáker o fundador do Colégio de Campolide, e o restaurador da Companhia de Jesus em Portugal.

J. A. M.



BOM JESUS — Interior do templo.

(Fot. Chic de Alberto Marques).

Nos fins de 1883 raiou um dia mais jubiloso, e Radmáker foi restituído definitivamente a Portugal.

Em outubro já dava exercícos em Santarém e no Colégio da Formiga, e no dia de finados estava na Residência de Braga onde se veio estabelecer.

Da capital do Minho saíu em contínuas correrias que o seu zêlo lhe inspirava.

Mas, depois de ano e meio de novas fadigas, a saúde abalou-se-lhe totalmente.

Retirou para Lisboa, onde a sciência o não pôde salvar, e a 6 de Junho de 1885,

Quando a mão não puder fazer a caridade, cumpre ao coração pratica-la.

*Pasquier-Quesnel.*

O dinheiro tem matado mais almas do que o ferro tem matado corpos.

*Walter Scott.*

Os homens sensatos são os melhores dicionarios de conversação.

*Gæthe.*

## Aveiro, Terra de sonho . . .

Os senhores que nos leiem não conhecem por certo, ia-mos aposta-lo, aquela deliciosa quadra popular que diz assim:

Aveiro, por ser Aveiro  
Por ter marinhas de sal  
Não há terra como Aveiro  
No reino de Portugal.

E Aveiro é na verdade uma maravilha, uma verdadeira maravilha, crêde. No seu céu azul dir-se-ia sorrir Italia, no verde alegre das suas aguas se gostaria de revêr a Suissa verde e forte, e, na fluida graça das suas mulheres, corpos de ondas, de sal e vaga, se exaltaria a arte da Grecia antiga.

Admiravel sinfonia cromatica, verde, azul, oiro e branco, tons de terra e tons de altar, visitai-a num dia de sol e haveis de vêr que vibram como cordas de viola as suas aguas, naquela romaria de cores claras, a rirem, que a paisagem faz de sua volta.

E apesar de tudo o que há de napolitano no seu céu, de grego nos seus canais e nas suas mulheres, é Portugal que está ali, vivinho, em corpo e alma, em sangue e em espírito. Na sua paisagem ecloja, em que há a frescura e a graça de uma flôr, nos seus costumes tão pitorescos, nos seus usos tão sugestivos, no seu todo, Aveiro é mesmo uma síntese.

Terra verde e agua azul, a enxada e o barco, a arvore que se revê no rio, a montanha que espreita o mar, o carro de bois que se fez sa-veiro e o homem que das terras onde ara e semeia sente chama-lo o aceno misterioso das ondas, e lavra e pesca ao mesmo tempo, está nela toda a psicologia e toda a alma de uma Raça.

\*

\* \*

Ora, se calha, entre pessoas que viajam, perguntar a gente se conhecem Aveiro, a resposta é sempre afirmativa.

— Aveiro? Mas porque não hei-de eu conhecer Aveiro?

— Muito formosa a cidade não é verdade?

— Oh, sim, muito formosa! . . .

E parece realmente não haver ninguem, por este Portugal fóra, que não tenha visitado Aveiro. A cidade do Vouga, porém, só muito mal, muito de longe, muito de leve é conhecida. E' que toda a gente passa lá acima, nas azas de fogo do comboio rapido. Vem das praias, e vai para as praias.

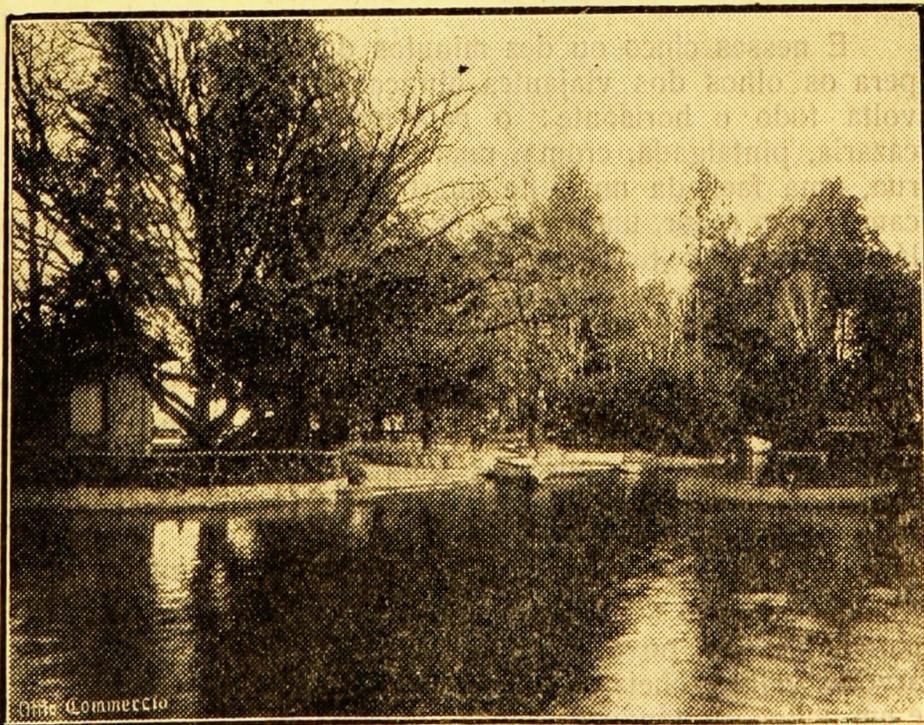
Aveiro! Terra de sonho, paisagem de maravilha!

Na planicie, ensopada em aguas luminosas, a verdura clara, a verdura alegre, cresce, alastra-se, enovela-se, floresce, no grande contentamento da luz doirada, da luz divina.

Há uma sensibilidade extranha, uma excitação de riso, em toda essa terra moça, veitada de aguas brancas, que crepitam ao sol, lucilantes, nervosas, tremulando lumes sob os verdes humidos.

Um encanto!

E para quem venha do norte, de ao pé do mar côr de cinza, para lá dos pinheirais bisonhos ou dos areais fulvos das dunas, ou venha do sul, de entre montes agressivos, de uma paisagem agreste e sêca, aquele entrar no litoral macio e verde, feito de plucia e prata, maravilha, num imprevisto doce, os olhos de quem vem, os olhos de quem vai.



BOM JESUS — O Lago.

(Fot. Chic de Alberto Marques).

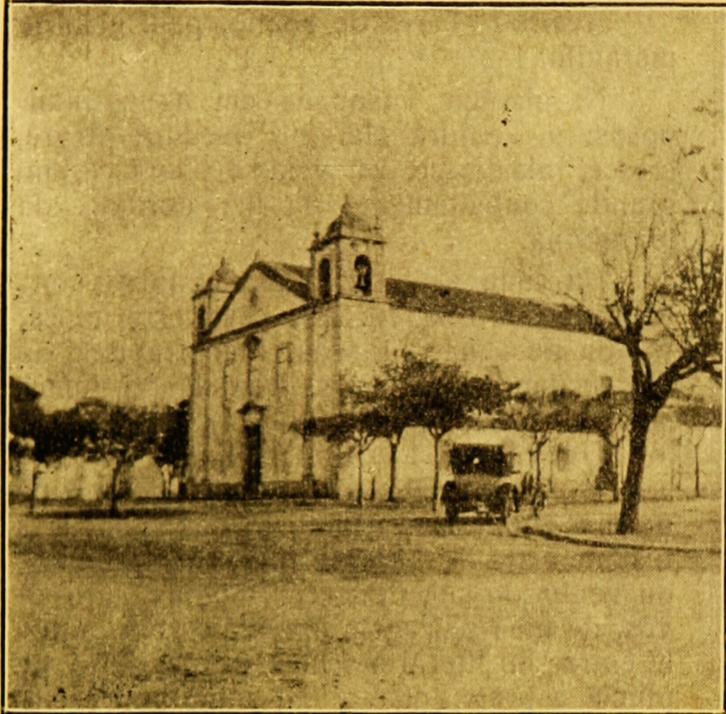
E curiosos curvam-se mais, nas portinholas, as cabeças...

Toda a terra, de roda, é linda. E o comboio pára, atencioso, como fez para deixãr vêr melhor aquele espectáculo inequalavel. Uma pequena estação aquietada e dormente: uma voz que anuncia:

— Aveiro!

E logo outras vozes sobem no ar azul, entre as quais, num ritmo cantado, espirála o pregão de uma ou outra mulherzita, que de taboleiro nos braços, corre alvoroçada ao longo do comboio, despertando gulodices, avivando tradições.

— Ovos moles, ovos moles!



CASCAIS — A Igreja Matriz.

(Fot. Alfredo Pinto (Sacavem).)

E nesses cinco ou dez minutos de espera os olhos dos viajantes abraçaram de volta todo o horisonte: o *pelle-melle* da cazaria, pintalgada, croma, uma esquina de rua, uma fachada nova de quartel militar, campos em redor, um pedaço azul de agua, lá ao fundo. E todos julgãrã que ficaram conhecendo Aveiro... Um engano. Aveiro para se conhecer bem é preciso descer-se da serra, pela escada gigantesca e suave dos montes; é preciso sermos levados, através as terras, num descendo deleitoso pela mão do Vouga, que nos guia doce e sorridente por montes e vales, para a festa alegre das suas bodas com a ria.

E' preciso cortar-se essa estrada de Angeja, feita em sonho pela Natureza, ali, para alem do povo, toda marginada de arvores velhas, cheias de hera, em abraços e em beijos, juntando as copas, floridas de oiro, sobre as nossas cabeças, num maçisso denso, a que a penumbra empresta mis-

terios suaves de sombra, o caminho para a surpresa da luz e do ar radiante: o caminho para o milagre.

Só assim, Aveiro, se nos revela em todo o seu esplendor. Descendo da Beira Alta, acompanhando, passo a passo, o Vouga, que Corrêa de Oliveira cantou em carmes de uma tão marmorea beleza, desde o vale idilico de S. Pedro do Sul até à larga facha de aguas, picada de velasinhas brancas, como um lago suiso, nas visinhanças de Aveiro, é que nós podemos admirar melhor essa terra de sonho, embebendo-nos do encanto da sua paisagem de aguarela, prendendo-nos no sortilégio da sua luz, em que há pepitas de oiro, fulgores de nimbo e brilhos de pedras preciosas, sedusidas pela beleza sem egual dos seus canais de agua translucida onde o sol põe nervosismos loiros, pela graça e donaire das suas mulheres de corpos etruscos ou pelo talhe esbelto e harmonioso dos seus saveiros, todos bariolados de côres vivas.

E' que Aveiro pode considerar-se como que o prefacio dessa obra prima panoramica que é a Beira Alta, a porta de oiro a franquear, para travar relações com a sua paizagem divina, ora melancolica e nobre, na prespectiva ampla e austera dos montes e serranias, fechada num abraço rigido de cordilheiras, ora luminosa, imprevisamente garrida e quente, no golpe dos pequeninos vales e quebradas; umas vezes meiga e socegada, idilica; outras, eriçada e quasi selvagem, de rochedos e escarpas, em que reside a modo que a mesma desigualdade, o mesmo fundo hesitante e dubio, característico de uma Raça que na larga paizagem da Historia é assim, tambem, toda imprevisitos, ora mansa com os seus vales macios e poeticos, onde há dolencia e sombra, ora arrojada, impetuosa como os seus montes, subindo no azul a terra, como numa ancia de vêr o mar e de beijar o céu...

CLAUDIO E ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

As verdades escriptas só nos impressionam quando elas confirmam as nossas experiencias pessoas.

Dranmor.

O povo assemelha-se às crianças: maravilha-se com o que não compreende.

Victor Hugo.

O segredo da beleza artistica reside na emoção.

C. Bellaigue.

POR — José Pereira Sabrosa

Damos a seguir um pequeno trecho da notabilíssima introdução que para o livro do nosso velho e dedicado amigo José Pereira Sabrosa escreveu a vernacula pena vierense do grande Prosador e fulgidíssima gloria do nome português Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre Luiz Gonzaga Cabral. Transcrevendo de «O Clarão da Verdade» as linhas que vão seguir-se, tributamos ao insigne ornamento da benemerentíssima Companhia de Jesus, esmalte e decoração da Igreja e da nossa Patria as homenagens da nossa admiração e do nosso affecto e saudade, felicitando José Pereira Sabrosa pela famosa introdução de quasi 30 paginas que ao primeiro orador português mereceu o seu ultimo livro.

«O século XIX apelidou-se pomposamente a si mesmo: *século das luzes*.

Bem deslustrados chegaram porem aqueles fulgores ao século XX, na tenebrosa herança de erro e duvida que o predecessor lhe legou.

Felizmente os fazedores de systemas, que accumularem tão funesta cerração, teem hoje o descredito que merecem, entre a geração intelectual dos desiludidos.

O nosso século ha-de ficar assinalado na Historia por esta característica: o regresso da intellectualidade a Deus; e cada uma das manifestações desse regresso é mais um *clarão* a fulgurar em meio da treva acastelada pelo desprestigiado acepticismo-negativista.

Bem hajam os que acendem, com o scintilar da sua palavra ou de seus escritos, esses *clarões* beneficos da *Verdade*.

*José Pereira Sabrosa* é desse numero.

Ao percorrer as paginas do seu «Escorço do Cristianismo», bem como os periodos mais empolgantes das suas «Conferencias e Discursos» impressionou-me a predileção do Autor pelas metáforas cheias de luz.

Pareceu-me encontrar nelas a revelação quasi inconsciente da sua paixão pela *Verdade sem sombras*, pela *Clareza sem obscuridades*.

Este novo livro então, põe em foco aquella preferencia, no titulo geral — «*O Clarão da Verdade*» e no sub-titulo da ultima parte — «*A Eterna Luz do Mundo*».

Dir-se-hia que entre os multiplos aspectos, que podiam ser outros tantos pontos de vista na contemplação da doutrina católica e do proprio Mestre dela, Cristo Jesus,

o aspecto luminoso foi o que sobretudo arrebatou aquella alma, ávida de Claridades.

Já o notou, com a sua prosa e fulgurante, o admirável Orador que a Patria ainda pranteia, *Antonio Candido*.

Prefaciando o «Escorço», reconhece naquelas paginas o condão de atraír os leitores «*á visão mais perfeita e á mais lucida compreensão*» de Jesus e da sua Igreja; e, proseguindo no mesmo simil luminosa, acentua que «*a luz nestes casos nunca é imperitante nem demasiada, pois se para alguns*



JOSÉ PEREIRA SABROSA  
Distinto escritor

*espíritos é de sobra, a outros aclara-lhes recantos da consciencia que ainda se conservavam insufficientemente iluminados».*

Não deixarei de aproveitar esta citação para confessar aqui sinceramente um dos motivos da minha relutancia em obedecer ao convite amistoso que forçou a minha pena a estas linhas de *Introdução*.

Que novo lustre podia dar o meu modestíssimo nome ás formosas elucubrações do *Clarão da Verdade*?

Que Mecenas podia patrocinar a quem entrava na palestra literaria guiado pela mão de *Antonio Candido*?

Foi talvez o irrespondível desta objecção que levou o illustre Autor a reforçar o pedido com palavras do mesmo Antonio Candido a meu respeito, que não posso ter a

vaidosa ingenuidade de aceitar como expressão de realidades objectivas em mim, senão como revelação comovedora da exaggerada benevolencia de um grande talento, egualado por uma bondade não menos grande.

Uma vez que hei-de obedecer, vencido pela insistencia de um queridissimo amigo dos velhos tempos saudosos, e este auxiliado ainda pelo generoso favor de um Mestre de Prosa Portuguêsa, não quero, nestas despretenciosas linhas, pôr em relevo outra feição as paginas que vão seguir-se, mais que este amor da luz que releva *Pereira Sabrosa* em todo o seu «*Clarão da Verdade*».

.....

A falta de espaço obriga-nos a suspender aqui a transcrição da finissima joia litteraria que é a Introducção do insigne Inaciano e perfeito escultor da Prosa Portuguêsa, ao livro erudito e utilissimo do nosso Confrade e Amigo José Pereira Sabrosa. O grande Jesuita analisa com superior sciencia e inteira segurança de doutrina todos os capitulos da primeira parte do «*Clarão da Verdade*», á qual o Auctor deu o sub-titulo de *Vultos de Sempre*. Sentimos uma grande pena de nos não ser dado publicar a parte em que o saudoso e querido Padre Gonzaga Cabral comenta os capitulos consagrados a Castilho, Herculano, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Tomaz Ribeiro e Eça de Queiroz. Admiraveis estas paginas formosissimas da «*Introducção*», em que ha muito que aprender e que admirar. O mesmo se pode dizer da que se refere á segunda parte da notavel obra de José Pereira Sabrosa, com o titulo de *Palavras de Louvor bem merecido*. As referencias encomiasticas aos capitulos dedicados a Antonio Sardinha, a Zuzarte de Mendonça e ao elogio historico de D. Antonio Barroso, mostram e provam grandemente o valor desses magnificos estudos criticos, perfis literarios de alto valor artistico e scientifico, a darem solida garantia da esclarecida razão e cultivadissimo espirito do seu auctor.

Julgou-se o eminente Mestre da Prosa Rev.<sup>mo</sup> Padre Gonzaga Cabral dispensado de comentar desenvolvidamente a 3.<sup>a</sup> parte da obra de Pereira Sabrosa, mas escreveu sobre ela uma sintese luminosa e apoiada de beleza, de sciencia e de enternecido carinho para o antigo discipulo dos Jesuitas. Na impossibilidade de mais larga transcrição, copiamos mais estes periodos da *Introducção* ao «*Clarão da Verdade*»:

Sim: em meio de tanta sombra que o erro ou a duvida projectam sobre as almas individuaes e as colectividades sociaes, a

*Eterna Luz do Mundo é Cristo Jesus, e nele, por Ele e com Ele a sua Egreja!*

Por *Jesus Cristo, Rei Imortal* dos seculos, e pela *Egreja Catolica Apostolica Romana* é que *Pereira Sabrosa* peleja o bom combate. Erguendo na dextra fulgurante o feixe de raios doirados, colhidos nesses *Clarões*, que formam um só «*Clarão da Verdade*», caminha radiante com os fulgores da mesma Verdade. São-lhe eles farol bem dito a espancar as trevas que assolam o mundo; são-lhe tambem merecida recompensa a aureolar-lhe a frente com scintilações que o leitor poderá avaliar, lendo com ponderada atencção as paginas que vão seguir-se.

Poderá assim julgar por si mesmo; e não me arriscarei eu a que dêem por suspeito o meu elogio.

Com efeito, com bem mais justificada razão do que já o fez *Antonio Candido*, poderia eu queixar-me dos exageros encomiasticos de quem me obrigou a tracejar estas linhas. E não sei pôr lhes melhor feixo do que plagiando a applicação feita pelo mesmo *Antonio Candido* da frase de *Luiz XIV a Boileau*:

*Cela est beau, et je vous louerais davantage, si vous m'aviez loue moins.*

Colegio Antonio Vieira — Bahia — Brazil.

P.<sup>e</sup> LUIZ GONZAGA CABRAL S. J.



## PENSAMENTOS

De todas as miserias de que soffre a pobre natureza humana, a mais lamentavel é o tédio.

V. Cherbuliez.

A natureza é um concerto cuja harmonia só Deus entende, porque só ele ouve a musica que todos os peitos exhalam.

Alvares de Azevedo.

Quando formulamos uma ordem, sempre a podemos corrigir por meio de um sorriso.

A. Guinon.

O que distingue o homem do animal, é a ingratitude.

A. Second.

O amor é cego; a amizade fecha os olhos.

Pascal.